

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 26/05/2025.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara - SP

CAROLINE LAURIANO SILVA

**REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO EM PEÇAS DE
TEATRO DO SÉCULO XX - 1950 A 1970: um estudo
sociolinguístico**



ARARAQUARA – S.P.
2023

CAROLINE LAURIANO SILVA

**REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO EM PEÇAS DE
TEATRO DO SÉCULO XX - 1950 A 1970: um estudo
sociolinguístico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.
2023

S586r

Silva, Caroline Lauriano

Requisitos de apoio discursivo em peças de teatro do século XX -
1950 a 1970: : um estudo sociolinguístico / Caroline Lauriano Silva. --
Araraquara, 2023

151 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

1. Marcadores discursivos. 2. Requisitos de apoio discursivo. 3.
Peças teatrais. 4. Variação linguística. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CAROLINE LAURIANO SILVA

REQUISITOS DE APOIO DISCURSIVO EM PEÇAS DE TEATRO DO SÉCULO XX - 1950 A 1970: um estudo sociolinguístico

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática

Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 26/05/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista – UNESP/FCLAr

Membra Titular: Profa. Dra. Carla Regina Martins Paza
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Ibilce

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Àqueles que me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos...

AGRADECIMENTOS

Nem todas as palavras do mundo seriam suficientes para agradecer a todos aqueles que, de algum modo, fizeram parte desse período de aprendizado e de desenvolvimento; entretanto, eu não poderia deixar de expressar a minha gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus por essa oportunidade e por ter me conduzido, me guardado e me fortalecido ao longo de todo o processo.

Além disso, deixo os meus agradecimentos:

À minha mãezinha, essa mulher batalhadora e sábia que carrega uma alegria contagiante. Obrigada por me inspirar a ser forte e corajosa, por me ensinar a agir com sabedoria e gentileza e por me incentivar a sonhar e a dançar em meio às tempestades da vida; também agradeço pelas palavras de encorajamento e pelo “colinho” nos momentos difíceis.

À minha irmã, Gabizinha, que, além de me encorajar e de me colocar para cima, sempre está ao meu lado. Obrigada pelo apoio, pela força e por todas aquelas conversas, que, mesmo à distância, fizeram toda diferença.

À minha querida orientadora, Rosane, que, com toda certeza, é uma grande inspiração para mim. Por todo o apoio e disponibilidade, por todos os direcionamentos e conhecimentos compartilhados, os quais transcendem as páginas desta dissertação, por toda sua gentileza e parceria, deixo o meu mais sincero agradecimento!

Aos meus familiares e amigos, que, constantemente, torcem por mim.

Aos colegas do *Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara* (SoLAr), os quais, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação. Deixo um agradecimento especial a Milena, que, mesmo em meio ao doutorado e à correria do dia a dia, arranjou um tempinho para me auxiliar com o programa R.

Ao professor Sebastião e à professora Carla, por terem, bondosamente, aceitado fazer parte das bancas de qualificação e de defesa. Acrescento, ainda, um agradecimento ao professor Sebastião, por ter debatido o meu trabalho no SELin - 2022, contribuindo, imensamente, para o desenvolvimento deste estudo.

Ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da UNESP de Araraquara e a todos os docentes que contribuíram para a minha formação ao longo desse período.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil (CNPq).

JUIZ JOVEM Antes... Não sei Excelência.
 É tão difícil colocar
 Esse tempo que pedis
 Antes, depois, agora...
 Cone do passado
 Cone da memória
 E a hora em que tudo se faz.
 Vede, Excelência...
 O tempo o que é?
 É o que demora!

JUIZ VELHO É o que nos escapa.

JUIZ JOVEM Isso é poesia.

JUIZ VELHO O tempo... depende
 Se é visto pela física
 Ou pela metafísica.

JUIZ JOVEM Na física tudo é coerente.

JUIZ VELHO Mas alguém me disse
 Que o relógio da poesia
 Anda mais depressa
 E com mais maestria
 do que aquele da física.

Hilda Hilst (2000[1968], p. 218-219)

RESUMO

Este estudo verifica a ocorrência de *marcadores discursivos* (MD), mais especificamente daqueles que integram o subconjunto dos *requisitos de apoio discursivo* (RAD) – *compreendeu?, entendeu?, percebeu?, sabe?, viu? etc.* –, em peças de teatro brasileiras produzidas entre as décadas de 1950 e 1970 (século XX). O objetivo desta pesquisa é investigar o uso variável dos RAD originados dos verbos de cognição *compreender, entender, perceber, saber e ver*, verificando quais forças linguísticas e sociais motivam o uso desses elementos. Para tal fim, parte-se dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]), da Sociolinguística Histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007) e do Sociofuncionalismo (BYBEE, 2010, 2016; TAVARES, 2013). Parte-se, também, dos estudos desenvolvidos por Schiffrin (1987, 2001, 2006) e da Gramática Textual-Interativa (RISSO; SILVA; URBANO, 2019), abordagens de estudo de MD adotadas neste trabalho. Selecionaram-se 39 peças teatrais para compor o *corpus* do trabalho; essas obras foram extraídas de acervos disponíveis virtualmente e de um acervo destinado a pesquisas (socio)linguísticas, organizado pelo *Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara* (SoLAr), no âmbito do projeto *Língua EmCena*. Sendo assim, controlaram-se variáveis de natureza linguística (apresentação formal, posição e presença/ausência de respostas) e variáveis de natureza social (gênero/sexo, fase da vida, instrução, classe social, etnia, relação entre os personagens/interlocutores, ambientação e autoria das peças). Após a coleta e o processamento estatístico dos dados, constataram-se 319 ocorrências de RAD no *corpus* analisado, distribuídas da seguinte forma: *entender* (104 – 33%), *ver* (91 – 28%), *saber* (72 – 23%), *compreender* (42 – 13%) e *perceber* (10 – 3%). Utilizando o programa R (CORE TEAM, 2022), a análise foi realizada por meio de testes de qui-quadrado e do modelo de árvores de inferências condicionais. Ao controlar as variáveis de natureza linguística – apresentação formal, posição e presença/ausência de respostas –, observou-se que os RAD em análise, em sua maioria, possuem forma simples (262 – 82%), atuam em posição medial de turno (240 – 75%) e são caracterizados pela ausência de respostas após seu uso (300 – 94%), particularidades que correspondem aos traços típicos dos RAD, sinalizando que as formas analisadas já não operam como verbos plenos, mas encontram-se em diferentes estágios do processo de gramaticalização. Quanto às variáveis de natureza social, verificou-se que, apesar de a produção dos RAD ser mais influenciada pela percepção dos dramaturgos, usuários reais da língua, as macrocategorias sociais (gênero/sexo, fase da vida, instrução, classe social e etnia) e a ambientação demonstraram ser aspectos relevantes para a construção e representação dos personagens de peças teatrais.

Palavras-chave: marcadores discursivos; requisitos de apoio discursivo; peças teatrais; variação linguística.

ABSTRACT

This study verifies the occurrence of *discursive markers* (DM), more specifically those that integrate the subset of *discourse markers of support* (RAD) – *compreendeu?*, *entendeu?*, *percebeu?*, *sabe?*, *viu?* etc. –, in Brazilian theater plays produced between the 1950s and 1970s (20th century). The objective of this research is to investigate the variable use of RAD originated from the cognition verbs *compreender*, *entender*, *perceber*, *saber*, and *ver*, verifying which linguistic and social forces motivate the use of these elements. To this end, this research is based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]), Historical Sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007), and Sociofunctionalism (BYBEE, 2010, 2016; TAVARES, 2013). It is also based on studies developed by Schiffrin (1987, 2001, 2006) and Textual-Interactive Grammar (RISSO; SILVA; URBANO, 2019), DM study approaches adopted in this work. We selected thirty-nine theater plays to compose our *corpus*; these plays were extracted from collections available virtually and from a collection intended for (socio)linguistic researches, organized by *Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAr)*, within the scope of *Língua EmCena* project. Thus, we controlled variables of linguistic nature (formal presentation, position, and presence/absence of answers) and variables of social nature (gender/sex, stage of life, education, social class, ethnicity, relationship between characters/interlocutors, setting, and authorship of the plays). After data collection and statistical processing, we verified 319 occurrences of RAD in the analyzed *corpus*, distributed as follows: *entender* (104 – 33%), *ver* (91 – 28%), *saber* (72 – 23%), *compreender* (42 – 13%), and *perceber* (10 – 3%). Analysis was performed in R programming (CORE TEAM, 2022), using chi-squared tests and the conditional inference trees model. When controlling variables of linguistic nature – formal presentation, position, and presence/absence of answers –, we observed that the RAD under analysis, for the most part, have a simple form (262 – 82%), act in a medial position of turn (240 – 75%), and are characterized by the absence of answers after their use (300 – 94%). These characteristics correspond to typical traits of RAD, signaling that the analyzed forms no longer operate as verbs, but they are at different stages of the grammaticalization process. As for variables of social nature, although the production of RAD is more influenced by the perception of the playwrights, real language users, social macrocategories (gender/sex, stage of life, education, social class, and ethnicity) and setting proved to be relevant aspects for the construction and representation of characters in theatrical plays.

Keywords: discourse markers; discourse markers of support; theater plays; linguistic variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Os RAD considerados na análise	20
Quadro 2	Matrizes básicas propostas pela GTI	45
Quadro 3	Traços identificadores dos MD	62
Quadro 4	Núcleo-piloto de MD proposto pela GTI	62
Quadro 5	<i>O corpus</i>	66
Quadro 6	Variáveis e critérios propostos pelo projeto <i>Língua EmCena</i>	68
Quadro 7	Os RAD considerados na análise	70
Quadro 8	Variáveis independentes	72
Quadro 9	Critérios da variável fase da vida	78
Quadro 10	Sistematização das variáveis independentes	84
Quadro 11	Valores dos testes de qui-quadrado: variáveis linguísticas	88
Quadro 12	Formas compostas dos RAD	90
Quadro 13	Núcleo-piloto de MD proposto pela GTI	103
Quadro 14	Valores dos testes de qui-quadrado: variáveis extralinguísticas	104
Quadro 15	Critérios da variável fase da vida	107
Quadro 16	Critérios da variável instrução	110
Quadro 17	Critérios da variável classe social	112
Quadro 18	Categorização de personagens de classe 4	118
Quadro 19	Categorização de personagens não brancos	120
Quadro 20	Local de nascimento dos autores	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Os RAD mais frequentes no <i>corpus</i>	95
Tabela 2	Distribuição dos RAD de acordo com a apresentação formal	96
Tabela 3	Posição e apresentação formal dos RAD	98
Tabela 4	Distribuição dos RAD de acordo com a posição no turno	98
Tabela 5	Distribuição dos RAD de acordo com a presença/ausência de respostas	100
Tabela 6	Distribuição dos RAD de acordo com a fase da vida dos personagens	108
Tabela 7	Distribuição dos RAD de acordo com o nível de instrução dos personagens	111
Tabela 8	Distribuição dos RAD de acordo com a classe social dos personagens	113
Tabela 9	Distribuição dos RAD de acordo com a etnia dos personagens	115
Tabela 10	Distribuição dos RAD produzidos por personagens de classe 4	119
Tabela 11	Distribuição dos RAD de acordo com as relações entre os personagens/interlocutores: íntimas e não íntimas	122
Tabela 12	Distribuição dos RAD de acordo com as relações entre os personagens/interlocutores: assimétricas e simétricas	122
Tabela 13	Ambientação das peças de teatro	123
Tabela 14	Distribuição dos RAD de acordo com a ambientação das peças	123
Tabela 15	Distribuição dos RAD de acordo com o local de nascimento dos autores	124
Tabela 16	Distribuição dos RAD de acordo com a autoria	126
Tabela 17	Distribuição de personagens de acordo com a autoria	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distribuição dos RAD no <i>corpus</i>	86
Figura 2	Apresentação formal dos RAD	95
Figura 3	Posição dos RAD no turno conversacional	97
Figura 4	Presença/ausência de respostas após o uso dos RAD	99
Figura 5	Diagrama arbóreo: variáveis linguísticas	101
Figura 6	Diagrama arbóreo: posição e presença/ ausência de respostas	102
Figura 7	Distribuição dos personagens de acordo com o gênero/sexo	105
Figura 8	Distribuição dos personagens de acordo com a fase da vida (1950 – 1963)	107
Figura 9	Distribuição dos personagens de acordo com a fase da vida (1964 – 1970)	108
Figura 10	Distribuição dos personagens de acordo com o nível de instrução	110
Figura 11	Distribuição dos personagens de acordo com a classe social	113
Figura 12	Distribuição dos personagens de acordo com a etnia	115
Figura 13	Diagrama arbóreo: macrocategorias sociais – gênero/sexo, fase da vida, instrução, classe social e etnia	117
Figura 14	Diagrama arbóreo: etnia e instrução	120
Figura 15	Diagrama arbóreo: ambientação e local de nascimento dos autores	125
Figura 16	Diagrama arbóreo: ambientação e autoria	132
Figura 17	Diagrama arbóreo: ambientação e variáveis de natureza linguística	133
Figura 18	Diagrama arbóreo: ambientação e perfil social dos personagens	134
Figura 19	Diagrama arbóreo: correlação entre os RAD e as variáveis independentes	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BAD	Busca de Aprovação Discursiva
GTI	Gramática Textual-Interativa
MD	Marcador Discursivo
NURC	Projeto da Norma Urbana Linguística Culta
RAD	Requisito de Apoio Discursivo
SoLAR	Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara
TG	Teoria da Gramaticalização
TVML	Teoria da Variação e Mudança Linguística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DOS RAD	23
2.1 A Sociolinguística Variacionista: pressupostos teórico-metodológicos	23
2.2 Sociofuncionalismo	25
2.3 A Sociolinguística Histórica: breves considerações	27
2.4 O teatro brasileiro nas décadas de 1950, 1960 e 1970	29
2.4.1 O texto teatral como fonte de análise para investigações linguísticas	31
2.5 Marcadores discursivos: diferentes rótulos, diferentes abordagens	35
2.5.1 A abordagem de Schiffrin	37
2.5.2 A Gramática Textual-Interativa	41
2.5.3 Um diálogo entre abordagens: a multifuncionalidade dos MD em foco	46
2.6 Delimitação do objeto	48
2.6.1 Os requisitos de apoio discursivo	51
2.6.2 Gramaticalização dos RAD	54
2.7 Sintetizando...	64
3 METODOLOGIA	65
3.1 As etapas da pesquisa	65
3.2 O <i>corpus</i> : peças de teatro produzidas entre as décadas de 1950 e 1970	66
3.3 Coleta e tratamento dos dados	69
3.4 Variáveis dependente e independentes	69
3.4.1 Apresentação formal	72
3.4.2 Posição	74
3.4.3 Presença/ausência de respostas	75
3.4.4 Perfil social dos personagens	76
3.4.4.1 Gênero/sexo	77
3.4.4.2 Fase da vida	77
3.4.4.3 Instrução	79
3.4.4.4 Classe social	79
3.4.4.5 Etnia	79
3.4.5 Relação entre os personagens/interlocutores	81
3.4.6 Ambientação	82
3.4.7 Autoria	82
3.5 Sintetizando...	83

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: UM OLHAR PARA OS RAD NAS PEÇAS TEATRAIS	85
4.1 Visão geral dos resultados	85
4.2 Variáveis de natureza linguística	88
4.2.1 Apresentação formal	89
4.2.2 Posição	96
4.2.3 Presença/ausência de respostas	98
4.2.4 Cruzamentos: variáveis de natureza linguística	100
4.3 Variáveis de natureza extralinguística	103
4.3.1 As macrocategorias sociais: o perfil dos personagens	104
4.3.1.1 Gênero/sexo	104
4.3.1.2 Fase da vida	106
4.3.1.3 Instrução	110
4.3.1.4 Classe social	112
4.3.1.5 Etnia	115
4.3.1.6 Correlacionando as macrocategorias sociais	117
4.3.2 Relação entre os personagens/interlocutores	121
4.3.3 Ambientação	122
4.3.4 Autoria	126
4.3.5 Cruzamentos	131
4.4 Sintetizando...	139
5 CONCLUSÃO	140
REFERÊNCIAS	145

1 INTRODUÇÃO

A espontaneidade é uma das principais características da conversação, visto que sua formulação ocorre concomitantemente à sua produção; por essa razão, é comum nos depararmos com hesitações, reformulações, interrupções e ajustes na fala espontânea. Entretanto, além dessas particularidades, os textos orais contam com certos recursos que auxiliam em sua estruturação e facilitam a comunicação, dentre os quais destacamos os marcadores discursivos (MD), objeto de análise desta pesquisa.

Os MD, de maneira geral, operam na organização do texto falado, amarrando as porções textuais e orientando os interlocutores no decorrer da interação (RISSO; SILVA; URBANO, 2019), e, assim como outros elementos linguísticos/discursivos, “são formas variáveis, sensíveis aos contextos sociocultural e regional” (FREITAG, 2008, p. 4). Posto isso, são diversos os elementos que compõem o grupo dos MD (*né?, olha, uhn uhn, bem, veja, é?, hein?, entendeu?, então, aí, daí, mas*), os quais provêm das mais variadas classes gramaticais, constituindo, assim, um conjunto bastante amplo e heterogêneo. Dada a relevância do papel executado por esses elementos no discurso, os estudos referentes aos MD têm se multiplicado ao longo do tempo.

Devido à amplitude e à heterogeneidade desse conjunto, decidimos investigar um dos subconjuntos de MD: o de *requisitos de apoio discursivo* (RAD). De acordo com Valle (2014), que se fundamenta em estudos diversos acerca dos MD, os RAD atuam tanto no plano textual quanto no plano interacional, desempenhando diversas funções, que, por vezes, se sobrepõem, porque ambos os planos estão inter-relacionados. Silva e Macedo (1996), por seu turno, destacam que essas unidades são usadas para testar a atenção do interlocutor ou para obter a sua aquiescência. Os trechos abaixo, extraídos das peças teatrais selecionadas para a análise deste estudo, exemplificam o uso de alguns RAD:

(1)

CAFUNÉ - Pode se boba pra você! Cê num precisa de mandinga, **né?** Já é o melhor do campo desde hoje, **né?** (*Chapetuba Futebol Clube* – Oduvaldo Vianna Filho, 1959).

(2)

VITOR - Eu tenho só que acabar de arrumar as coisas e quero uma companhia pra ficar comigo até a última hora. Só isso, te pago mais 20, **tá?** Daí fica arredondado pra cem. (*O assalto* – José Vicente de Paula, 1969).

(3)

RICO – Pô, cara, você também quer saber de tudo, **hein?** (*Cordélia Brasil* - Antônio Bivar, 1967).

Por meio desses excertos, percebe-se que, não obstante as unidades que constituem o subconjunto dos RAD possuam certas semelhanças, há, ainda, discrepâncias quanto a outros critérios, como a classe gramatical de origem. A partir disso, objetivando reunir um grupo coerente para nossa análise, selecionamos os RAD derivados dos verbos de cognição *compreender*, *entender*, *perceber*, *saber* e *ver*, os quais são tratados como variantes, uma vez que se assemelham quanto à natureza conceptual, à classe gramatical de origem e partilham contextos de uso, atuando no domínio da requisição de apoio discursivo (VALLE, 2014).

Apesar de *ver* ser um verbo de percepção visual, seu sentido desliza para a cognição, tornando-o semelhante aos verbos cognitivos. Rost Snichelotto (2009), que estuda MD derivados dos verbos de percepção *ver* e *olhar*, defende que, além de terem um sentido mais concreto, relacionado à percepção visual, esses verbos adquirem sentidos mais abstratos, ligados à cognição. No caso de *ver*, especificamente, a autora conclui que,

Em sua trajetória de mudança semântica, *ver* perde parte do significado relativo à percepção visual (*perceber com os olhos*) e passa a veicular a acepção *de saber*; *perceber com a razão*, e depois, *compreender*. Observa-se a perda parcial do sentido de base da forma sob transformação, desenvolvendo-se novos sentidos relacionados uns com os outros, num movimento que vai de um significado-fonte, mais concreto, para sentidos derivados, mais abstratos, preservado o sentido original de *captar algo*. (ROST SNICHELOTTO, 2009, p. 54, grifos da autora)

Os trechos abaixo ilustram o uso de *ver* como verbo pleno, cujo significado está relacionado à percepção visual, e como RAD, que é usado de modo abstratizado, associado à cognição.

(4)

CAFUNÉ - [...] Ninguém qué que eu tire a barba, né, Bila? Engraçado. Riram de mim, **cê viu?** Te abraçaram também? O que é que diz aí, hein? Fiquei com vergonha de perguntá... (*Chapetuba Futebol Clube* – Oduvaldo Vianna Filho, 1959).

(5)

DURVAL – [...] Olha... não gosto de escrevê carta, **viu?** Confesso mesmo... (*Chapetuba Futebol Clube* – Oduvaldo Vianna Filho, 1959).

No exemplo (4), percebemos que a expressão *[vo]cê viu?* faz referência à ação mencionada anteriormente (“riram de mim”); logo, o personagem deseja saber se o amigo viu, em sentido concreto, certas pessoas rindo dele. Por outro lado, no exemplo (5), notamos que o verbo desempenha papel de RAD e assume um sentido mais abstrato, podendo ser substituído, sem prejuízo de sentido proposicional, por *entendeu?*, *sabe?*, *compreendeu?* ou *percebeu?*, que são formas intercambiáveis nesse contexto:

- i) Olha... não gosto de escrevê carta, **entendeu?** Confesso mesmo...
- ii) Olha... não gosto de escrevê carta, **sabe?** Confesso mesmo...
- iii) Olha... não gosto de escrevê carta, **compreendeu?** Confesso mesmo...
- iv) Olha... não gosto de escrevê carta, **percebeu?** Confesso mesmo...

Por serem fenômenos típicos da fala, presentes em situações comunicativas e dialógicas, o estudo dos MD, e, particularmente, dos RAD, em sincronias passadas torna-se desafiador. A invenção de ferramentas que permitem gravar a língua falada e registrá-la é, ainda, recente, o que significa que, para investigar os usos linguísticos de épocas mais distantes, o pesquisador deve recorrer a registros escritos, os quais, nem sempre, são fidedignos quanto à realidade oral de determinado período. A probabilidade de encontrarmos MD em fontes escritas que seguem, rigidamente, os padrões normativos da época é quase inexistente; daí a necessidade de selecionar fontes escritas que sejam representativas da fala, como é caso das peças teatrais.

Os dados analisados provêm, então, de peças de teatro produzidas por autores brasileiros ao longo do século XX, mais especificamente entre as décadas de 1950 e 1970. A escolha de peças teatrais como fonte de análise e de extração de dados se justifica pelo fato de esse gênero textual se estruturar a partir do diálogo, que pode ser tomado como uma representação do texto falado. Ademais, o diálogo exerce um papel importante no processo de criação dos personagens, pois, por meio dele, é possível identificar as características linguísticas e sociais desses personagens. As peças constituem uma rica fonte de dados (socio)linguísticos, sobretudo de períodos para os quais não se tem acesso a dados de fala (BERLINCK; BARBOSA; MARINE, 2008; BERLINCK, 2020; ALMEIDA; PINTO, 2020; BERLINCK; BRANDÃO, 2021). Somado a isso, os MD são elementos que se manifestam, majoritariamente, no discurso oral, o que torna ainda mais justificável o uso de textos que são representativos da fala e da interação entre interlocutores/personagens. Quanto ao recorte temporal proposto, trata-se de um período historicamente relevante por dois motivos: primeiramente, devido às modificações no contexto sócio-histórico brasileiro e à influência do

meio social sobre os usos que os membros da sociedade fazem da língua – cumpre destacar que língua e sociedade são indissociáveis e que a língua muda porque a sociedade muda (FARACO, 2006) – e, em segundo lugar, por se tratar de um período profícuo no que tange à produção de textos dramáticos.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo geral investigar o uso variável dos RAD originados dos verbos *compreender*, *entender*, *perceber*, *saber* e *ver*; tendo como fonte de análise peças de teatro brasileiras produzidas entre as décadas de 1950 e 1970. À guisa de exemplo, nos trechos abaixo, destacamos as ocorrências de cada um desses RAD:

(6)

TUNINHO - E não saiu coisa nenhuma. Está em casa, **compreendeu?** Vai avisar a teu patrão que eu vou me plantar aqui e que não saio nem a tiro! (*A Falecida* - Nelson Rodrigues, 1953).

(7)

HOMEM - [...] Toda quarta-feira eu tiro feriado e faço uns passeios “digestivos” só pra “espairecer” o espírito sem “finalidades” mais “profundas”, **tá entendendo?** Eu sou um cara de classe, Mariazinha. [...] (*Fala baixo, senão eu grito* - Leilah Assumpção, 1969).

(8)

AURORA - Não há drama. Eu sou assim, de veneta, **percebeu?** Quando cismo com um camarada, já sabe: topo qualquer parada. [...] (*Os sete gatinhos* - Nelson Rodrigues, 1958).

(9)

GERVÁSIO - Isso é uma injustiça. Pouca gente pode atirar a primeira pedra. Até me revolta, **sabe?** Mas vocês não vão entrar com o mandado de segurança? Vocês querem ir no mole? [...] (*Em moeda corrente do país* - Abílio Pereira de Almeida, 1960).

(10)

BENEDITO - Tratem de calar a boquinha, **viu?** Se essa história se espalha! Os dois valentões aqui, ajoelhados, pedindo misericórdia! (*A pena e a lei* - Ariano Suassuna, 1959).

Visto que os RAD podem apresentar variação em sua forma, os dados são controlados a partir da fonte verbal desses elementos, de modo que todas as variantes sejam incluídas na análise, conforme exposto no quadro 1.

Quadro 1 - Os RAD considerados na análise

	Fontes verbais	Variantes
RAD	Compreender	<i>Exemplos:</i> <i>compreendeu? compreende? compreendestes?</i>
	Entender	<i>Exemplos:</i> <i>tá entendendo? entendeu? entende?</i>
	Perceber	<i>Exemplos:</i> <i>percebeu? percebeste? tá percebendo?</i>
	Saber	<i>Exemplos:</i> <i>sabe? sabia? tá sabendo?</i>
	Ver	<i>Exemplos:</i> <i>viu?</i> ¹

Fonte: própria

Para atingir o propósito geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: i) verificar quais forças linguísticas e sociais estão correlacionadas ao uso dos RAD em estudo; e ii) discorrer sobre o processo de gramaticalização desses elementos para que possamos compreender de que modo essas formas passaram de verbos plenos a RAD. Nosso intuito, então, não é recuperar a trajetória de mudança de cada um desses RAD, mas propor um panorama geral do processo de gramaticalização das formas em estudo. Portanto, considera-se que este trabalho contribuirá com os estudos sócio-históricos, que destacam a relevância de materiais escritos para as investigações linguísticas, bem como com discussões acerca dos MD no âmbito da Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVML). Nossa hipótese é que o uso dos RAD esteja relacionado a fatores linguísticos, como a posição dos RAD no discurso, e extralinguísticos, tais como idade, gênero/sexo, classe social etc. Apesar de os resultados de trabalhos anteriores (SILVA; MACEDO, 1996; VALLE, 2001, 2014) terem revelado que as macrocategorias sociais exercem pouca influência no uso dos RAD, supomos que – por estarmos lidando com textos dramáticos, diferentemente dos referidos estudos, que analisaram dados de fala – há relação entre os RAD e fatores como gênero/sexo, etnia, escolaridade, idade e classe social. Consideramos que personagens com determinados perfis sociais usarão RAD específicos.

Em vista disso, a temática deste trabalho se mostra relevante pelas seguintes razões: i) todos os falantes, com maior ou menor frequência, fazem uso dos MD, que são essenciais para o planejamento e para a organização dos textos falados; ii) ainda que as peças teatrais tragam uma representação da língua em uso, seus autores, ao criarem os personagens, atribuem a eles determinados “modos de falar”, dando aos diálogos características de uma conversação natural; iii) os MD são, frequentemente, rotulados como vícios de linguagem,

¹ Não encontramos variação dos RAD provenientes da fonte verbal *ver* em nosso *corpus*.

tornando-se alvo de estigma social e de preconceito linguístico, posições que desconsideram a relevância desses elementos para a estruturação dos textos falados (FREITAG, 2007); e iv) o tratamento variável a fenômenos discursivos, tais como os RAD, é uma prática pouco recorrente em trabalhos que versam sobre variação linguística. Somado a isso, Valle (2014), que também investiga RAD derivados de verbos de cognição², declara que são poucos os trabalhos que se dedicam à investigação de marcadores dessa origem, o que torna o tema ainda mais relevante e pertinente para os estudos dos MD e, especialmente, dos RAD. Em síntese, os MD são elementos passíveis de múltiplas e variadas análises, constituindo um amplo campo ainda pouco explorado, particularmente sob a perspectiva da TVML; logo, a presente pesquisa se dedica à investigação desse fenômeno, de modo a contribuir com estudos prévios e futuros.

Além desta introdução, na qual apresentamos a proposta, o tema, o problema da pesquisa, a justificativa, os objetivos geral e específicos e a hipótese levantada, esta dissertação é estruturada em alguns capítulos. O segundo capítulo é destinado à discussão dos subsídios teóricos; dessa forma, dissertamos sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, do Sociofuncionalismo e da Sociolinguística Histórica, apresentamos as principais características do teatro brasileiro entre as décadas de 1950 e 1970 e, com base em estudos prévios, destacamos a relevância do gênero dramático para as investigações (socio)linguísticas. Em seguida, direcionamos o foco das discussões para os MD, fazendo uma breve contextualização do fenômeno. Feito isso, nos debruçamos sobre as duas perspectivas que norteiam este trabalho, a saber, Schiffrin (1987, 2001, 2006) e Risso, Silva e Urbano (2019), e estabelecemos um diálogo entre ambas as abordagens. Adiante, explicamos como se deu a delimitação do objeto, justificando a escolha dos RAD sob análise e esmiuçando a definição desses elementos. Para encerrar o capítulo, discorremos sobre o processo de gramaticalização dos RAD com o intuito de compreender o percurso de mudança desses elementos. No terceiro capítulo, detalhamos a metodologia da pesquisa: apresentamos o *corpus* do trabalho, indicando quais foram as peças teatrais selecionadas, bem como seus autores e datas de produção/publicação; elucidamos os procedimentos adotados para a realização da coleta e do tratamento dos dados; e especificamos a variável dependente e as variáveis independentes a serem controladas. No quarto capítulo, realizamos a análise e a discussão dos resultados obtidos. Por fim, sintetizamos as conclusões, as contribuições da

² Valle (2014) investiga as seguintes formas: *sabe?*, *sabes?*, *entende?*, *entendeu?*, *entendesse?*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*.

dissertação e os encaminhamentos futuros. Ao final de cada capítulo, apresentamos uma síntese, de modo a condensar os aspectos centrais das discussões desenvolvidas.

5 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho foi investigar o uso variável dos RAD derivados dos verbos de cognição *compreender*, *entender*, *perceber*, *saber* e *ver*. Para alcançar esse propósito geral, verificamos quais forças linguísticas e sociais poderiam estar correlacionadas ao uso dos RAD em estudo e discorremos sobre o processo de gramaticalização desses elementos, buscando entender de que modo essas formas passaram de verbos plenos a RAD, tornando-se intercambiáveis em um mesmo domínio funcional.

Articulando os pressupostos teórico-metodológicos da TVML, do Sociofuncionalismo e da Sociolinguística Histórica, partimos da concepção de língua como sistema heterogêneo, passível de variação e mudança linguísticas – as quais podem ser identificadas em registros escritos, como as peças teatrais. Relembramos, também, os principais eventos que marcaram a história do teatro brasileiro no século XX e defendemos o uso das peças teatrais como *corpus* para os estudos (socio)linguísticos. Na sequência, voltamos nossa atenção para os MD, que são elementos típicos da fala, caracterizando, assim, a espontaneidade e a dinamicidade da língua em uso. Somado a isso, sintetizamos as abordagens de Schiffrin (1987, 2001, 2006) e de Risso, Silva e Urbano (2019), as quais fundamentam este trabalho, discorremos a respeito dos RAD, pontuando as principais características desse subconjunto, e discutimos o processo de gramaticalização desses elementos. Dando continuidade à pesquisa, detalhamos o caminho percorrido até a obtenção dos resultados: descrevemos o *corpus* – constituído por 39 peças teatrais brasileiras produzidas entre as décadas de 1950 e 1970 –, explicamos como foram realizados a coleta e o tratamento dos dados e especificamos cada uma das variáveis independentes e as hipóteses a respeito delas.

Como mencionado na seção dedicada à discussão dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, dos cinco problemas empíricos postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), o presente trabalho lidou com o *problema da restrição*, porque avaliamos os determinantes linguísticos e extralinguísticos envolvidos na escolha dos RAD em estudo, e com o *problema do encaixamento*, dado que nos propusemos a explicar de que modo os RAD derivados dos verbos de cognição *compreender*, *entender*, *perceber*, *saber* e *ver* estão inseridos na matriz social do período histórico em investigação (1950-1970). A análise e a discussão dos resultados demonstraram que: i) é possível dispensar um tratamento variável aos RAD, posto que atuam no mesmo domínio funcional e possuem naturezas e sentidos semelhantes; e ii) há aspectos linguísticos e sociais envolvidos na produção desses elementos.

Constatamos **319 ocorrências** dos RAD em estudo no *corpus*, distribuídas da seguinte forma: *entender* (104 – 33%), *ver* (91 - 28%), *saber* (72 - 23%), *compreender* (42 – 13%) e *perceber* (10 – 3%).

Na discussão concernente à variável ***apresentação formal***, observamos que, com exceção de *ver*, os RAD em estudo apresentam variabilidade de forma. Contudo, verificamos que, mesmo havendo variação, os RAD mais recorrentes no *corpus* são formas simples e fixas, que, possivelmente, estão mais gramaticalizadas, porque manifestam traços identificadores dos MD prototípicos (cf. Tabela 1).

Quanto à ***posição***, os RAD ocorrem mais em posição medial, operando no desenvolvimento e na sustentação do turno, bem como no gerenciamento da interação. Considerando que a apresentação formal dos RAD poderia ter alguma relação com a posição ocupada por esses elementos no turno conversacional, conjecturamos que formas compostas, por terem mais material linguístico, ocorreriam, preferencialmente, em posição final. Ao contrário do que havíamos previsto, as formas compostas, assim como as simples, surgem mais em posição medial de turno, porém notamos que, de fato, há uma certa tendência de as formas compostas ocuparem a posição final.

A variável ***presença/ausência de respostas*** demonstrou que os RAD em estudo, em sua maioria, não são acompanhados de manifestações verbais por parte do ouvinte, o que condiz com os resultados de estudos anteriores (URBANO, 1999a; VALLE, 2001, 2014; TRAPP, 2014). Esse resultado, portanto, reforça o caráter dos RAD como perguntas retóricas, para as quais não se espera uma resposta, como também sinaliza a perda da ilocução interrogativa desses elementos (FREITAG, 2009).

Resumidamente, os RAD possuem formas mais simples e reduzidas, atuam, geralmente, em posição medial de turno e não costumam ser sucedidos por respostas. Levando em consideração o núcleo-piloto de MD proposto pela GTI, concluímos que, de maneira geral, as características dos RAD em estudo condizem com os traços mais estáveis dos MD, revelando que as formas sob análise já não atuam como verbos plenos, mas encontram-se em diferentes estágios do processo de gramaticalização. Com base nos princípios de Hopper (1991), exibidos na seção referente à gramaticalização dos RAD, constatamos que: i) os RAD advindos de *compreender*, *entender*, *perceber*, *saber* e *ver* variam e coexistem em um mesmo domínio funcional, o de requisição de apoio discursivo, e são formas intercambiáveis, que podem ser substituídas umas pelas outras sem perda de sentido proposicional (**princípio da estratificação**); ii) em certos contextos, é possível que a variação deixe de ocorrer, propiciando a fixação de uma das formas em coexistência – a exemplo disso,

podemos mencionar as formas apresentadas na tabela 1, que foram as mais frequentes no *corpus*, ou seja, mesmo havendo outras variantes, há uma rotinização de determinadas formas, que acabam sendo mais usadas pelos falantes (**princípio da especialização**); iii) os verbos dos quais os RAD em estudo se originam permanecem em uso no sistema linguístico, desempenhando outras funções, conforme demonstramos ao longo do trabalho (**princípio da divergência**); iv) em algumas formas, principalmente naquelas que aparentam estar em estágios incipientes ou intermediários de gramaticalização, há manutenção de certos traços semânticos dos verbos de origem (**princípio da persistência**); e v) à medida que se gramaticalizam, os RAD perdem as características de verbos plenos e assumem propriedades particulares aos MD, atuando exclusivamente na organização textual-interativa dos textos falados (**princípio da descategorização**).

As macrocategorias sociais (*gênero/sexo, fase da vida, instrução, classe social e etnia*), apesar de não influenciarem diretamente a produção dos RAD, são essenciais para a construção do perfil social dos personagens e para a elaboração de seus “modos de falar”. Dessa forma, consideramos que, no processo de criação dos personagens e dos diálogos, os autores são norteados por essas categorias, que, em sua quase totalidade, se mostraram significativas pelos testes de qui-quadrado (cf. Quadro 14). Ainda em relação a essas variáveis, ao analisarmos as tabelas verticalmente, detectamos uma possível distinção social entre *compreender/perceber* e *saber/ver*. Identificamos, mediante as proporções apresentadas nas tabelas, a seguinte tendência:

Compreender e Perceber

- **Instrução:** básica ou avançada;
- **Classe social:** classes 1 ou 2;
- **Etnia:** brancos.

Saber e Ver

- **Instrução:** média ou sem instrução;
- **Classe social:** classes 3 ou 4;
- **Etnia:** não brancos.

Os RAD derivados de *entender*, por seu turno, aparentam ser os menos influenciados por esses aspectos sociais, pois são utilizados nas falas de personagens com diferentes perfis sociais. Esses resultados, embora sejam interessantes, requerem análises mais profundas e um

número maior de dados, de modo que possamos realizar afirmações precisas e consistentes. Estas, então, são atividades para possíveis estudos futuros.

Quanto à *relação entre os personagens/interlocutores*, ainda que as relações simétricas e íntimas, nas quais esperávamos maior produção de RAD, tenham sido mais frequentes do que as relações assimétricas e não íntimas, essa variável não foi considerada significativa pelos testes de qui-quadrado (cf. Quadro 14), indicando, que, nas peças teatrais analisadas, a produção de RAD não é motivada por esses fatores.

Por meio da variável *ambientação*, observamos que alguns RAD são utilizados somente em uma das regiões consideradas (nordeste ou sudeste), como é caso de *compreender* e de *perceber*, que foram produzidos apenas em peças ambientadas no sudeste, e outros, apesar da predominância em uma das regiões, são usados em ambas as localidades, tais como *entender*, *saber* e *ver*.

Finalmente, a *autoria* revelou ser a variável mais significativa em nossa análise. Constatamos que os dramaturgos fazem uso de RAD específicos, que estão relacionados à ambientação das tramas e, menos acentuadamente, ao perfil social dos personagens, variáveis que se mostraram relevantes para a construção e representação dos personagens. Diante disso, depreendemos que a percepção dos dramaturgos, usuários reais da língua, é imbuída de traços sociais, históricos, culturais e, também, linguísticos, pois, para construir seus personagens, os autores precisam definir quais características intelectuais, físicas, sociais, regionais e linguísticas essas figuras irão assumir. Nessa direção, nossos resultados condizem, em certa medida, com os de estudos anteriores (SILVA; MACEDO, 1996; VALLE, 2001, 2014), os quais já haviam constatado que a escolha e o uso dos RAD estão mais relacionados a fatores contextuais e atitudinais do que às macrocategorias sociais; nas peças de teatro, tais fatores conduzem os autores na criação dos personagens e dos diálogos.

Futuramente, é possível realizar um estudo diacrônico, utilizando materiais escritos como fonte de análise, a fim de investigar mais a fundo a trajetória de mudança dos RAD derivados de verbos de cognição. Além das peças teatrais, pode-se verificar outros gêneros, como roteiros de cinema, que são similares às peças por se estruturarem a partir do diálogo, constituindo, assim, materiais produtivos para a investigação de fenômenos linguísticos. É válido, também, considerar, além de forças linguísticas e sociais, forças estilísticas e identitárias que possam motivar a produção dos RAD.

Este trabalho, então, integra o conjunto de estudos que busca responder questões concernentes aos MD – e aos RAD, mais especificamente –, grupo extremamente amorfo e heterogêneo, que, a cada investigação, ocasiona o surgimento de novas ramificações e de

caminhos diversos a serem percorridos. Lidar com variáveis discursivas não é uma tarefa simples, ainda mais quando essa atividade envolve a análise de materiais escritos; todavia, o trabalho com os MD, e, em especial, com os RAD, não se esgota facilmente, antes, quanto mais exploramos esse conjunto, mais fascinante ele se torna. Silva e Macedo (1996, p. 14), comparando os estudos dos MD a uma floresta repleta de árvores distintas e de difícil penetração, declaram que “há que se fazer cortes, traçar caminhos e avançar com cautela, voltar sobre os passos e contornar obstáculos” até que sejamos capazes de “chegar a uma clareira de onde se possa ter uma melhor visão”. Esperamos, portanto, que esta pesquisa contribua para a ampliação da visão desse fenômeno.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística (parte 1). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** - vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- ALMEIDA, M. A.; PINTO, L. G. O uso das peças teatrais na análise sócio-histórica do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1-5, 19 out. 2020.
- BELL, A. Language Style as Audience Design. **Cambridge University Press**. v. 13, n. 2, p. 145-204, jun. 1984.
- BELTRÃO, K. I.; NOVELLINO, M. S. **Alfabetização por raça e sexo no Brasil: evolução no período 1940-2000**. Rio de Janeiro: Ence/IBGE, 2002 (Texto para Discussão, 1). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1425.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BELTRÃO, K. I. **Raça e fronteiras sociais: lendo nas entrelinhas do centenário hiato de raças no Brasil**. In: SOARES, S. *et al.* (orgs.). **Os mecanismos de discriminação racial nas escolas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ipea, 2005. p. 41-87.
- BENTES, A. C.; FERREIRA-SILVA, B.; MARIANO, R. D. Atenuação e impolidez como estratégias estilísticas em contexto de entrevista televisiva. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 23, n. 47, p. 285-314, 30 dez. 2013.
- BERGS, A. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J. M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. (eds.). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. 1st ed. Malden, MA/Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 80-98.
- BERLINCK, R. A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v. 7, p. 53-79, 2008.
- BERLINCK, R. A. **Por que (ainda) usar peças de teatro em estudos sócio-históricos da língua**. Palestra na Mesa-redonda "Sociolinguística Histórica no Brasil: Caminhos e desafios. Abralín Ao Vivo, 18/07/2020. Disponível em: <http://aovivo.abralin.org/lives/sociolinguistica-historica-no-brasil>.
- BERLINCK, R. A.; BRANDÃO, S. M. Por uma Sociolinguística Histórica: análise multidimensional de cartas pessoais e peças teatrais brasileiras. In: BIAZOLLI, C. C.; BERLINCK, R. A. (orgs.). **Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 233-270.
- BLAKEMORE, D. **Relevance and Linguistic Meaning: The Semantics and Pragmatics of Discourse Markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRANDÃO, S. M. **Alternância verbal em construções condicionais: um fenômeno variável?** 2018. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2018.
- BRANDÃO, S. M. **Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças condicionais: contribuições à Sociolinguística Histórica**. 2022. 323 p. Tese (Doutorado em Linguística e

Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (ed.). **Style in Language**. MIT Press, 1960. p. 252-281.

BUSATTO, C. Um olhar sobre o feminino na dramaturgia brasileira do início do século XX. **Revista Letras**, Curitiba, n. 60, p. 223-245, jul./dez. 2003.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha; Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016. Título original: Language, usage and cognition.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística (parte 2). In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** - vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019.

CEBULSKI, M. C. **Introdução à História do Teatro no Ocidente: dos gregos aos nossos dias**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2013.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (orgs.). **Variação Estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

COSTA, S. P. T. da S.; FURTADO DA CUNHA, M. A. A construção com verbos de cognição no português brasileiro: um estudo preliminar. **Gragoatá**, Niterói, v. 21, n. 40, p. 250-272, 2016.

CUNHA, A. F. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 157-176.

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of Sociolinguistic Variation. **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FISCHER, K. (ed.). **Approaches to Discourse Particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006.

FRASER, B. Pragmatic markers. **Pragmatics**, v. 6, n. 2, p. 167-190, 1996.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, London, v. 31, n. 7, p. 931-952, July 1999.

FRASER, B. Towards a theory of discourse markers. In: FISCHER, K. (ed.). **Approaches to Discourse Particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 189-204.

- FRASER, B. An account of Discourse Markers. **International Review of Pragmatics**, v. 1, n. 2, p. 293-320, 2009.
- FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos não são vícios de linguagem! **Interdisciplinar**, v. 4, n. 4, p. 22-43, 2007.
- FREITAG, R. M. K. Marcadores discursivos interacionais: análise contrastiva entre duas variedades do português falado no Brasil. In: **Anais do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL**, 2008.
- FREITAG, R. M. K. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. **ReVEL**, v. 7, n. 13, p. 1-15, 2009.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. **Mulheres, linguagem e poder**: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2015.
- FREITAG, R. M. K.; SILVA, R. B. da; EVANGELISTA, F. R. S. Marcadores discursivos interacionais: diferentes metodologias, diferentes resultados. **Diacrítica**, 31(1), p. 55-75, 2017.
- GALEMBECK, P. T. O turno conversacional. In: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 55-80.
- GOMES, A. C. População e sociedade. In: SCHWARCZ, L. M. (dir.). **História do Brasil nação**: 1808-2010 - Vol. 4: GOMES, A. C. (coord.). Olhando para dentro: 1930-1964. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 41-90.
- GONÇALVES, S. C. L. Ainda em favor de uma interface entre Sociolinguística e Gramaticalização. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 22, n. esp., p. 111-136, 2021.
- GÖRSKI, E. M. *et al.* Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 31, n. 1, [s.p.], 2002.
- GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. Variação discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; GÖRSKI, E. M. (orgs.). **Sociolinguística e política linguística**: olhares contemporâneos. São Paulo: Blucher, 2016. p. 79-99.
- GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos marcadores discursivos**. 2007. 233 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to functional grammar**. 3. ed. Great Britain: Hodder Arnold, 2004.
- HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HILST, H. Auto da barca de Camiri. In: DUARTE, E. C. (org.). **Teatro reunido (1967-1969)**. São Paulo: Nankin Editorial, 2000[1968]. p. 194-229.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1, p. 17-35.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JAKOBSON, R. Closing statement: Linguistics and poetics. In: SEBEEK, T. A. **Style in language**. Cambridge: M.I.T. Press, 1960. p. 350-377.

JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019 - Gramática do português culto falado no Brasil; v. I.

KLAFKE, M. F. **Heróis e Coringas no palco**: o Teatro de Arena prega a resistência. 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2016.

KLEIN, H. S.; LUNA, F. V. População e sociedade. In: SCHWARCZ, L. M. (dir.). **História do Brasil nação**: 1808-2010 - Vol. 5: REIS, D. A. (coord.). Modernização, ditadura e democracia: 1964-2010. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 31-74.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Sociolinguistic Working Papers**, Austin, Texas, Southwest Educational Development Laboratory, n. 44, p. 1-22, 1978.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal Factors. Cambridge, MA/Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, n.7, p.171-182, 1978.

LEITE, R. M. **História do teatro no Brasil e na Bahia**: das primeiras ações jesuíticas ao Pré-modernismo. Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação à Distância, 2022.

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. A identificação dos perfis socioculturais dos redatores de corpora históricos: encaminhamentos metodológicos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. especial, p. 147-168, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTGOMERY, M. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. **Sociolinguistic variation**: theories, methods, and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 110-132.

NEVES, M. H. de M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. esp., p. 71-104. 1999.

NOGUEIRA, L. C. A gramaticalização do verbo ver no português do interior paulista: uma análise discursivo-funcional. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 17, n. 1, p. 421-437, 2018.

OLIVEIRA, S. G. de; ROCKENBACH, L. M.; GUTIERRES, A. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268–291, 2022.

OSÓRIO, R. G. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília: IPEA, 2003.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 63, p. 304-325, 2019.

PAIVA, M. da C. de; PAREDES SILVA, V. L. Cumprindo uma pauta de trabalho: contribuições recentes do PEUL. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 739-770, 2012.

PAULA, J. V. O assalto. In: MORAIS, C. **O teatro de José Vicente: primeiras obras**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 126-202. (Coleção Aplauso - Teatro Brasil). Disponível em: <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/edicoes/12.0.813.787/12.0.813.787.pdf> Acesso em: 11 jul. 2022.

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos Marcadores Discursivos. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 1296-1301, 2005.

PENHAVEL, E. **Marcadores discursivos e articulação tópica**. 2010. 168 p. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PENHAVEL, E. O que diferentes abordagens de marcadores discursivos têm em comum? **Revista (CON)TEXTOS Linguísticos**, Vitória, v. 6, n. 7, p. 78-98, 2012.

POTTIER, B. **Systématique des éléments de relation**. Paris: Klincksieck, 1962.

PRADO, D. A. **O teatro brasileiro moderno: 1930-1980**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

PRADO, D. A. A Personagem no Teatro. In: CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 81-101.

PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

PRETI, D. (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2000.

PRETI, D. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. URL <https://www.R-project.org/>.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019 - Gramática do português culto falado no Brasil; v. I. p. 391-452.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019 - Gramática do português culto falado no Brasil; v. I. p. 371-390.

ROMAINE, S. **Socio-Historical Linguistics**. Its status and methodology. New York: Cambridge University Press, 1982.

ROSA, E. da. Sociolinguística histórica. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 17, n. 21, p. 1-17, jul./dez. 2015.

ROSA, E. N. da. A língua escrita como fonte de evidências linguísticas. **Philologus**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 73, p. 36-50, jan./abr. 2019.

ROST SNICHELOTTO, C. A. **Olha e vê: caminhos que se entrecruzam**. 2009. 408 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2009.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, D. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. E. (ed.). **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 54-75.

SCHIFFRIN, D. Discourse marker research and theory: revisiting *and*. In: FISCHER, K. (ed.). **Approaches to Discourse Particles**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 315-338.

SCHNEIDER, E. W. Investigating variation and change in written documents. In: CHAMBERS, J. K. TRUGILL, P.; SCHILLING, N. (eds.), **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Reference Online, 2007. p. 1-20.

SCHWARCZ, L. M. População e sociedade. In: SCHWARCZ, L. M. (dir.). **História do Brasil nação: 1808-2010 - Vol. 3: SCHWARCZ, L. M. (coord.). A abertura para o mundo: 1889-1930**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 35-84.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, G. M. de O.; MACEDO, A. T. de. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. **Bases teórico-metodológicas para uma interface sociofuncionalista**. Texto apresentado e discutido no XXVII Encontro Nacional da Anpoll – ENANPOLL, Rio de Janeiro - RJ, 2012.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar**, v. 17, p. 27-47, 2013.

TRAPP, K. **Os marcadores discursivos sabe? e entende? na fala de informantes do município de Chapecó/SC**. 2014. 144 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2014.

TRAUOGOTT, E. C. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y.

(eds.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: Benjamins, 1982. p. 245-247. (Current Issues in Linguistic Theory 24).

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Manchester: Stanford University, 1995.

UBERSFELD, A. **Para ler o teatro**. Tradução: José Simões. São Paulo, Perspectiva, 2005[1996]. Título original: Lire le théâtre.

URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. de M. (org.). **Gramática do Português Falado**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp; v.1, 1999a, p. 195-258.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999b. p. 81-101.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1 – Construção do texto falado, p. 497-527.

URBANO, H. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. S. (org.). **A construção do texto falado**. São Paulo: Contexto, 2019 - Gramática do português culto falado no Brasil; v. I. p. 453-481.

VALLE, C. R. M. **Sabe? ~ não tem? ~ entende?:** itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. 2001. 183 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

VALLE, C. R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos:** forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. 2014. 415 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2014.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. A entrevista sociolinguística como locus de significados socioestilísticos: categorias macrosociológicas, identidade local e individual. **Domínios de Lingu@gem**, v. 13, n. 3, p. 1228-1265, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZANIN, I. C. A.; GONÇALVES, S. C. L. Sabe? e entendeu? como marcadores de busca de aprovação discursiva: variantes de uma mesma variável? **PROLÍNGUA**, [s. l.], v. 17, n. 1, p. 62–77, 2022.